

FEZ

ELITE
PRÉ-VESTIBULAR
c a m p i n a s

Aprovou!

Elite Resolve

UNESP 2011

2ª fase

**Linguagens
e Códigos**

www.elitecampinas.com.br

os melhores **gabaritos** da internet

LINGUAGENS E CÓDIGOS

TEXTO

INSTRUÇÃO: As questões de números 25 a 28 tomam por base um soneto do livro *Poemas e Canções*, do parnasiano brasileiro Vicente de Carvalho (1866-1924) e um poema de *Cancioneiro*, do modernista português Fernando Pessoa (1888-1935).

Velho Tema – 1

*Só a leve esperança, em toda a vida,
Disfarça a pena de viver, mais nada;
Nem é mais a existência, resumida,
Que uma grande esperança malograda.*

*O eterno sonho da alma desterrada,
Sonho que a traz ansiosa e embevecida,
É uma hora feliz, sempre adiada
E que não chega nunca em toda a vida.*

*Essa felicidade que supomos,
Árvore milagrosa, que sonhamos
Toda arreada de dourados pomos,*

*Existe, sim: mas nós não a alcançamos
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos.*

(Vicente de Carvalho. *Poemas e Canções*. 5 ed. São Paulo: Monteiro Lobato & C. – Editores, 1923.)

Cancioneiro, 150

*Não sei se é sonho, se realidade,
Se uma mistura de sonho e vida,
Aquela terra de suavidade
Que na ilha extrema do sul se olvida.
É a que ansiamos. Ali, ali
A vida é jovem e o amor sorri.*

*Talvez palmares inexistentes,
Áleas longínquas sem poder ser,
Sombra ou sossego deem aos crentes
De que essa terra se pode ter.
Felizes, nós? Ah, talvez, talvez,
Naquela terra, daquela vez.*

*Mas já sonhada se desvirtua,
Só de pensá-la cansou pensar,
Sob os palmares, à luz da lua,
Sente-se o frio de haver luar.
Ah, nessa terra também, também
O mal não cessa, não dura o bem.*

*Não é com ilhas do fim do mundo,
Nem com palmares de sonho ou não,
Que cura a alma seu mal profundo,
Que o bem nos entra no coração.
É em nós que é tudo. É ali, ali,
Que a vida é jovem e o amor sorri.*

(30.08.1933)

(Fernando Pessoa. *Obras poéticas*. Rio de Janeiro: Aguilar Editora, 1965.)

QUESTÃO 25

Os poemas de Vicente de Carvalho e Fernando Pessoa focalizam o tema da busca da felicidade pelo ser humano e se servem de antigas alegorias para simbolizar o que seria essa felicidade que todo homem procura em sua vida, embora nem sempre a encontre. Identifique essas alegorias em cada poema.

Resolução

A questão solicita em seu enunciado que o candidato encontre “antigas alegorias” que simbolizariam a felicidade procurada pelo homem. O candidato deveria ter claro o sentido de alegoria, que nada mais é que uma metáfora engendradora de modo a constituir uma imagem poética. Poderia pensar ainda em alegoria como uma expressão do texto que, de modo figurado, representa uma ideia ou pensamento do autor. A questão faz menção a uma alegoria antiga, o

que significa que a alegoria que simboliza a felicidade já fora usada em outros momentos, por outros poetas.

No soneto de Vicente de Carvalho encontramos a alegoria no primeiro terceto, “*Essa felicidade que supomos/Árvore milagrosa, que sonhamos/Toda arreada de dourados pomos*”. No poema de Fernando Pessoa, identificamos a alegoria no terceiro e no quarto verso, “*Aquela terra de suavidade/Que na ilha extrema do sul se olvida*”. Era importante reconhecer que a felicidade é simbolizada por uma árvore de frutos dourados no primeiro poema e por uma terra suave, com palmares e luas, no segundo.

QUESTÃO 26

A felicidade existe? – Como encontrar a felicidade?

Estabeleça um paralelo entre as respostas que cada um dos poemas apresenta a estas duas questões.

Resolução

Os dois poemas reconhecem a existência da felicidade, mas apresentam soluções distintas para que seja alcançada. No poema parnasiano, a felicidade, simbolizada por uma árvore de frutos dourados, “existe, sim: mas não a alcançamos”, pois sempre é colocada em um lugar diferente do qual se está. No segundo poema, a felicidade também existe, mas se encontra dentro do ser: “É em nós que é tudo. É ali, ali,/Que a vida é jovem e o amor sorri”.

O primeiro eu-lírico reconhece a felicidade, mas não vê possibilidade de alcançá-la, já que o ser sempre buscará algo distante de seu lugar, de onde está e do que tem. O segundo eu-lírico, que também reconhece a felicidade, admite a possibilidade de encontrá-la, se o ser voltar-se para o seu interior, adotando uma atitude antagônica se comparada ao primeiro eu-lírico.

QUESTÃO 27

Ah, nessa terra também, também / O mal não cessa, não dura o bem.

A capacidade de significar muito com um discurso reduzido, que é uma das características permanentes da poesia, pode fazer com que, por vezes, uma ou duas palavras recuperem todo um conteúdo não necessariamente expresso no poema. Com base nesta observação, descreva e explique o conteúdo referenciado na terceira estrofe do poema de Fernando Pessoa apenas pela palavra *também*.

Resolução

A palavra *também* é capaz de, como apresentado no enunciado, retomar um conteúdo não expresso no poema, qual seja, referir-se à terra que não está presente no poema. Neste caso, a terra a que se refere o eu-lírico é a terra real, não a terra alegórica, que simbolizaria o encontro com a felicidade. O uso de *também* reforça a ideia de que mesmo se encontrando com o *lócus* de felicidade plena, o mal não cessaria e o bem não duraria, bem como acontece com a terra real. O uso de *também* é importante para ressaltar a conclusão da última estrofe, em que a felicidade não estaria fora, mas dentro do sujeito, sendo, portanto, em vão a busca exterior. Ambas as terras produziram o mesmo efeito de imperfeição: “Mas já sonhada se desvirtua,/Só de pensá-la cansou pensar,/Sob os palmares, à luz da lua,/Sente-se o frio de haver luar”.

QUESTÃO 28

Os dois poemas se identificam por empregar mais de uma vez a palavra *sonho* com significado equivalente. O que querem dizer ambos os eus-líricos com essa palavra no contexto dos poemas?

Resolução

A palavra *sonho* pode ser considerada como a busca humana por uma felicidade eterna. Ambos os poetas se utilizam do termo *anseio*, que denota busca ou desejo ávido por alguma coisa. Ambos identificam o sonho como um *lócus* de felicidade, que apesar de nunca ou dificilmente encontrada, não deixa nunca de ser almejada. Em outras palavras, pode se pensar em sonho como o encontro com o *paraíso idílico* em que o mal e o bem não alterariam o ânimo do sujeito, em que este encontraria um estado de paz eterno e imutável, em que a “*árvore milagrosa*”, do soneto e a “*terra de áleas longínquas*” do poema seriam esse lugar ou momento em “*que a vida é jovem e o amor sorri*”.

Interessante notar que ambas as imagens poéticas presentes nos versos de Fernando Pessoa e Vicente de Carvalho de alguma forma retomam imagens do Paraíso Perdido, presente na alegoria judaico-cristã, no livro do Gênesis. No primeiro poema temos a árvore milagrosa, que se aproxima da árvore proibida presente no mito de Adão e Eva. No segundo caso, temos uma terra esquecida, com árvores espalhadas que produzem sombra e sossego e retomaria o paraíso habitado por Adão e Eva e do qual Deus expulsara os seres humanos.

TEXTO

INSTRUÇÃO: As questões de números 29 a 32 tomam por base um texto que integra uma reportagem da revista *Fotografe Melhor* e fragmentos de um artigo de Elisabeth Seraphim Prosser, professora e pesquisadora de História da Arte e de Metodologia da Pesquisa Científica da Escola de Música e Belas Artes do Paraná.

Manifestação surgiu em Nova York nos anos de 1970

Muitos encaram o grafite como uma mera intervenção no visual das cidades. Outros enxergam uma manifestação social. E há quem o associe com vandalismo, pichação... Mas um crescente público prefere contemplá-lo como uma instigante, provocadora e fenomenal linguagem artística.

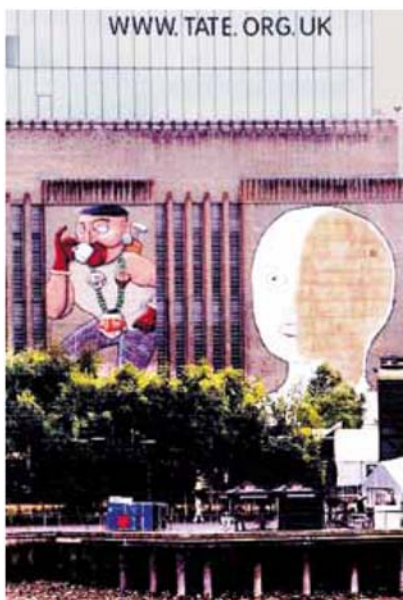
O grafite é uma forma de expressão social e artística que teve origem em Nova York, EUA, nos anos de 1970. O novaiorquino Jean-Michel Basquiat foi o primeiro grafiteiro a ser reconhecido como artista plástico, tendo sido amigo e colaborador do consagrado Andy Warhol — a vida de Basquiat, aliás, mereceu até filme, lançado em 1996.

A chegada ao Brasil também foi nos anos de 1970, na bagagem do artista etíope Alex Vallauri e se popularizou por aqui. Desde a década de 1990 é pura efervescência. Irreverente, a arte das ruas colocou à prova a criatividade juvenil e deu uma chance bastante democrática de expressão, que conquistou, além dos espaços públicos, um lugar na cultura nacional. Uma arte alternativa, que saiu dos guetos para invadir regiões centrais e privilegiadas em quase todo o Ocidente.

Hoje, à vista da sociedade e totalmente integrada ao cotidiano do cidadão brasileiro, a arte de rua provoca e, ao mesmo tempo, lembra a existência de minorias desfavorecidas e suas demandas por meio de coloridos desenhos que atraem a atenção.

Essa manifestação avançou no campo artístico e vem conquistando superfícies em ambientes até então improváveis: do interior de famosas galerias às fachadas externas de museus, como o Tate Modern, de Londres, que em 2008 (maio a setembro) teve a famosa parede de tijolinhos transformada em monumentais painéis grafitados (25 metros) pelas mãos, sprays e talento de grafiteiros de vários lugares do planeta, convidados para esse desafio, com destaque para os brasileiros Nunca e os artistas-irmãos Osgêmeos.

(*Fotografe Melhor*. Um show de cores se revela na arte dos grafites. São Paulo: Editora Europa, ano 14, n.º 161, fevereiro 2010.)



(www.tate.org.uk)

Do vandalismo anárquico à arte politicamente comprometida

Quanto à manifestação da arte de rua em si, pode-se afirmar que ela abrange desde o vandalismo anárquico até a arte politicamente comprometida. Vai da pichação, cujo propósito é sujar, incomodar, agredir, chamar a atenção sobre determinado espaço urbano ou simplesmente desafiar a sociedade estabelecida e a autoridade, até o

lambe-lambe e o graffiti, nos quais se pretende criticar e transformar o status quo.

(...)

O transeunte (...) geralmente ignora, rechaça ou destrói essa arte, considerando-a sujeira, usurpação do seu direito a uma paisagem esterilizada, uma invasão do seu espaço (às vezes privado, às vezes público), uma afronta à mente inteligente. Escolhe não olhá-la, não observá-la, não ler nas suas entrelinhas e nos espaços entre seus rabiscos ou entre seus traços elaborados. Confunde o graffiti com a pichação, isto é, a arte com o vandalismo (...).

No entanto, em documentários e em entrevistas com vários artistas de rua em Curitiba em 2005 e 2006, pôde-se constatar que essa concepção é, na maioria dos casos, imprecisa. Grande parte dos escritores de graffiti e dos artistas envolvidos com o lambe-lambe não apenas estuda ou trabalha, mas tem rendimento bom ou ótimo na sua escola ou no seu emprego.

De acordo com a pesquisa ora em andamento, o artista de rua curitibano mora tanto na periferia quanto no centro, é oriundo tanto de famílias de baixa renda como de outras economicamente mais favorecidas. Seu nível de instrução varia do fundamental incompleto ao médio e ao superior, encontrando-se entre eles inclusive funcionários de órgãos culturais e educacionais da cidade, bem como profissionais liberais, arquitetos, publicitários, designers e artistas plásticos, entre outros. Pôde-se perceber, também, que suas preocupações políticas, sua consciência quanto à ecologia e ao meio ambiente natural ou urbano, seu engajamento voluntário ou profissional em organizações educacionais e assistencialistas são uma constante.

(Elisabeth Seraphim Prosser. *Compromisso e sociedade no graffiti, na pichação e no lambe-lambe em Curitiba (2004-2006)*. Anais – Fórum de Pesquisa Científica em Arte. Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Curitiba, 2006-2007.)

QUESTÃO 29

As intervenções urbanas conhecidas como *grafite*, *pichação*, *lambe-lambe* e outras são muitas vezes apontadas como perturbações e sujeira. Os dois textos apresentados, todavia, analisam a questão com maior abertura crítica. Com base no que informam, levante dois aspectos que refutam a afirmação segundo a qual “a arte de rua é produto de desocupados, malandros e arruaceiros”.

Resolução

Alguns aspectos que refutam a visão comum sobre os grafiteiros: a origem do grafite como linguagem artística, explicitada no 2º parágrafo do texto 1 (o primeiro grafiteiro a ser reconhecido como artista plástico, Jean-Michel Basquiat, foi colaborador de Andy Warhol e teve um sua vida transformada em filme); a entrada do grafite em espaços reservados à arte mais reconhecida, como o Tate Modern Museum de Londres, citada no último parágrafo do primeiro texto; e a constatação, por meio de uma pesquisa realizada em Curitiba entre 2005 e 2006, de que os grafiteiros normalmente estudam ou trabalham e têm rendimento acima da média em suas atividades.

Todos os aspectos citados revelam que muitos grafiteiros são, na verdade, indivíduos ativos na sociedade, que escolhem o grafite como uma forma de expressar idéias e visões sobre a sociedade da qual fazem parte, contrariando assim a noção dessas pessoas como desocupados ou destruidores do patrimônio público.

QUESTÃO 30

Partindo da máxima segundo a qual “um exemplo vale mais do que mil palavras”, aponte o que o autor do texto da revista *Fotografe Melhor* deixa óbvio ao leitor, sob o ponto de vista estético, ao mencionar, no parágrafo final, o fato de que artistas de rua foram convidados a pintar fachadas externas do museu **Tate Modern** de Londres.

Resolução

O exemplo dado no último parágrafo ilustra a afirmação feita dois parágrafos antes de que o grafite ‘invadiu regiões centrais e privilegiadas em quase todo o Ocidente’. Sob o ponto de vista estético, a presença do grafite no Tate Modern deixa óbvio que o grafite se tornou aceito como uma manifestação moderna de arte; ou seja, a qualidade artística do grafite não é inferior, para os curadores do museu londrino, à das obras de arte mais tradicionalmente expostas nesse espaço.

QUESTÃO 31

O transeunte (...) geralmente ignora, rechaça ou destrói essa arte, considerando-a sujeira, usurpação do seu direito a uma **paisagem esterilizada**,...

Nesta passagem dos fragmentos do texto de Prosser, a expressão “paisagem esterilizada” constitui uma síntese bastante expressiva da opinião do transeunte que não aprecia a arte de rua. Explique o que quis dizer a autora com a atribuição do adjetivo *esterilizada* ao substantivo *paisagem*.

Resolução

Ao usar o termo ‘esterilizada’, a autora claramente se refere a uma característica de limpeza e monotonia presente na arquitetura das grandes cidades. A escolha desse termo no lugar de ‘estéril’ também é significativa, pois ‘esterilizada’ remete ao *processo* de esterilização e não à característica intrínseca do que é estéril. Dessa forma, podemos dizer que a autora quer destacar o fato de que houve um esforço consciente de algumas pessoas para tornar estéril uma paisagem que não necessariamente deveria sê-lo. Como consequência, não é absurdo supor que os grafiteiros, rompendo essa falsa limpeza da paisagem urbana, estariam devolvendo ao ambiente a característica orgânica, imprevisível e multifacetada que seria natural às paisagens.

QUESTÃO 32

Demonstre, com base nos textos e na imagem, que a arte de rua pode apresentar, além de características estéticas, também características de participação política.

Resolução

O argumento mais claro para demonstrar a presença do discurso político na arte de rua está no 4º parágrafo do primeiro texto: “(...) a arte de rua provoca e, ao mesmo tempo, lembra a existência de minorias desfavorecidas e suas demandas por meio de coloridos desenhos que atraem a atenção.”. Além disso, há uma informação importante no último parágrafo do segundo texto: “(...) suas [dos grafiteiros] preocupações políticas, sua consciência quanto à ecologia e ao meio ambiente natural ou urbano, seu engajamento voluntário ou profissional em organizações educacionais e assistencialistas são uma constante”. Com base nesses dois elementos do texto e admitindo ‘participação política’ em seu sentido mais amplo, ou seja, de ações com vistas a interferir na sociedade, podemos afirmar que a arte de rua é uma forma de dar visibilidade, mesmo que de maneiras não tão reconhecidas, a um grupo social que, embora tenha demandas e opiniões, não dispõe dos recursos midiáticos (como o acesso a jornais, rádio e TV) para se expressar em larga escala.

TEXTO

INSTRUÇÃO: Leia o texto para responder as questões de números 33 e 34.

I Have a Dream - Address at March on Washington

Martin Luther King

August 28, 1963. Washington, D.C.

I am happy to join with you today in what will go down in history as the greatest demonstration for freedom in the history of our nation.

I have a dream that one day this nation will rise up and live out the true meaning of its creed: “We hold these truths to be self evident: that all men are created equal.”

I have a dream that one day on the red hills of Georgia the sons of former slaves and the sons of former slave owners will be able to sit down together at a table of brotherhood.

I have a dream that one day even the state of Mississippi, a desert state, sweltering with the heat of injustice and oppression, will be transformed into an oasis of freedom and justice.

I have a dream that my four children will one day live in a nation where they will not be judged by the color of their skin but by the content of their character.

I have a dream that one day the state of Alabama, whose governor’s lips are presently dripping with the words of interposition and nullification, will be transformed into a situation where little black boys and black girls will be able to join hands with little white boys and white girls and walk together as sisters and brothers.

I have a dream that one day every valley shall be exalted, every hill and mountain shall be made low, the rough places will be made plain, and the crooked places will be made straight, and the glory of the Lord shall be revealed, and all flesh shall see it together.

This is our hope. This is the faith with which I return to the South. With this faith we will be able to hew out of the mountain of despair a stone of hope. With this faith we will be able to transform the jangling discords of our nation into a beautiful symphony of brotherhood. With this faith we will be able to work together, to pray together, to struggle together, to go to jail together, to stand up for freedom together, knowing that we will be free one day.

(<http://www.milonline.net/dream.html>. Adaptado.)

QUESTÃO 33

Existem no texto dois trechos que indicam claramente as ideias de que todos os seres humanos têm direitos iguais, e que, futuramente, não haverá distinção entre o que as pessoas poderão realizar. Transcreva, em sua resposta, esses dois trechos em inglês e aponte, em português, duas coisas que as pessoas poderão realizar juntas.

Resolução

Os dois trechos que indicam claramente as ideias de que todos os seres humanos têm direitos iguais, e que, futuramente, não haverá distinção entre o que as pessoas poderão realizar são:

“I have a dream that one day on the red hills of Georgia the sons of former slaves and the sons of former slave owners will be able to sit down together at a table of brotherhood.”

“I have a dream that one day the state of Alabama, whose governor’s lips are presently dripping with the words of interposition and nullification, will be transformed into a situation where little black boys and black girls will be able to join hands with little white boys and white girls and walk together as sisters and brothers.”

No primeiro trecho Martin Luther King diz que, em seu sonhos, nas colinas vermelhas da Geórgia, os filhos de ex-escravos e os filhos de ex-donos de escravos poderão sentar-se juntos a uma mesa de irmandade.

No segundo trecho Martin Luther King diz que tem um sonho de que um dia, o estado do Alabama, cujo governador faz transbordar dos lábios palavras de objeção e anulação, seja levado a uma situação em que garotinhos negros e garotinhas negras sejam capazes de dar as mãos aos garotinhos brancos e garotinhas brancas e caminharem juntos como irmãos e irmãs.

QUESTÃO 34

Explique, em português, na conotação do texto e de acordo com a mensagem expressa no discurso de Martin Luther King, a oposição entre os termos *a desert state* e *an oasis* (4.º parágrafo).

Resolução

Neste trecho do 4º parágrafo temos: *“I have a dream that one day even the state of Mississippi, a desert state, sweltering with the heat of injustice and oppression, will be transformed into an oasis of freedom and justice.”*

Temos a oposição entre um *deserto* derretendo com o calor da injustiça e opressão que seria transformado em um *oásis* de liberdade e justiça.

QUESTÃO 35

Trecho de uma entrevista com Omen, um conhecido grafiteiro residente da cidade de Montreal, no Canadá.

Interviewer: Who are you and what are you doing later today?

Omen: Erm... I write OMEN and I don’t know what I am going to do today. The weather seems to be my only enemy these days.

Interviewer: When’s the last time you painted?

Omen: I painted the other day at a school in Point St-Charles. Options 2 it’s called. It’s a school for children that need special guidance. Their lives have been messed up by drugs and guns and all that stuff. I was there to show them fundamentals of Graff like can control and what tips to use. It was pretty cool.

Interviewer: What’s your favorite medium?

Omen: Well, to paint with? I love aerosol. Love it. There is nothing more demanding and yet forgiving as far as mediums. The dry time, the size, the variety, the randomness, it’s all gold. I mean you can bust a huge piece and then say, “nahhh.” and take it out in less than a minute and start again cuz it will already be dry. A real medium of the future.

Interviewer: What do you think is the importance of architecture in everyday life and does graffiti influence architecture in any way?

Omen: Architecture is an awesome field of study and it greatly influenced my life for many years. The reality of it is that it is an insulated discussion between architect and city and/or Private developer. The public rarely has a say in matters. This is unfortunate

because it is the public that will be forced to look at the unchanging design of an architect for the duration of our lifetimes and if it is unappealing one; then that is a real tragedy.

(www.yveslaroche.com/en/news. Adaptado.)

Que tipo de escola Omen declarou na entrevista que grafitou recentemente e o que ele relatou sobre os alunos dessa escola?

Resolução

A resposta se encontra no trecho que segue: *"I painted the other day at a school in Point St-Charles. Options 2 it's called. It's a school for children that need special guidance. Their lives have been messed up by drugs and guns and all that stuff. I was there to show them fundamentals of Graff like can control and what tips to use. It was pretty cool."*

De acordo com o trecho, Omen grafitou uma escola para pessoas que tiveram suas vidas afetadas pelo uso de drogas e armas, entre outros. Ele estava lá para ensiná-los, ou dar dicas, de como grafitar, que, segundo ele, foi bastante "legal" (*"It was pretty cool."*).

QUESTÃO 36

Na entrevista (texto da questão de número 35), Omen admite que a arquitetura influenciou sua vida, e aponta três problemas da arquitetura. Explique dois desses problemas por ele apontados.

Resolução

Uma das críticas é que a arquitetura se dá entre o arquiteto e a cidade, ou entre o arquiteto e o empreiteiro, de forma que o público raramente possui influência sobre as questões: *"The reality of it is that it is an insulated discussion between architect and city and/or Private developer. The public rarely has a say in matters"*.

Podemos inferir que Omen critica também a constância (*"the unchanging design of an architect for the duration of our lifetimes"*) da arquitetura, uma vez que ele é um grafiteiro e valoriza a dinamicidade.

Podemos ainda, com ressalva (já que esta não é uma crítica à arquitetura em si, mas apenas a uma possibilidade), inferir que a terceira crítica é feita em relação à possibilidade de a arquitetura não ser prazerosa (*"and if it is unappealing one; then that is a real tragedy."*).

REDAÇÃO

INSTRUÇÃO: Leia o texto apresentado como base para as questões 29 a 32 e o texto que serviu de base às questões 35 e 36.

PROPOSIÇÃO

Arte de rua, intervenção urbana, grafite, *graffiti*, pichação, lambe-lambe, são inúmeros os termos pelos quais é conhecida a atividade pictórica em muros, paredes e superfícies de prédios nas cidades do mundo inteiro. Muitas pessoas consideram tais trabalhos verdadeiros exemplos de arte plástica popular; outras afirmam que é puro vandalismo. Os autores ou escritores, por vezes, têm de dar explicações à polícia, quando flagrados desenhando ou pintando em superfícies de prédios públicos ou privados. Mas há quem os convide, tanto nas repartições públicas como nas empresas de todos os gêneros, a pintar painéis decorativos em edifícios. E não falta também quem já venha implantando cursos ou atividades complementares para alunos do ensino fundamental e médio aprenderem a fazer grafites.

Com base neste comentário e levando em consideração, se achar conveniente, os textos apresentados para as questões de números 29 a 32, bem como o trecho da entrevista que serviu de base para as questões 35 e 36, escreva uma redação de **gênero dissertativo**, em prosa obediente à norma culta da Língua Portuguesa, sobre o tema:

GRAFITES: ENTRE O VANDALISMO E A ARTE

Comentários

A prova de Redação da UNESP foi ainda mais temática do que em anos anteriores. Não foi dada uma coletânea específica para a produção de texto: ao invés disso, pediu-se ao candidato que usasse os textos dados como base para questões das provas de inglês e de interpretação de textos. O caráter multidisciplinar da prova fica claro com a sugestão de leitura de um texto em inglês (uma entrevista com o grafiteiro canadense Omen). Reforça essa impressão de multidisciplinaridade o fato de que o tema de 4 das questões de interpretação de textos e da redação é ligado à arte, uma área normalmente marginalizada nos vestibulares mais tradicionais.

O tema é apresentado de forma dicotômica, opondo duas opiniões contrárias em relação ao grafite ("entre o vandalismo e a arte"); porém, não se deve concluir daí que o texto a ser produzido deva necessariamente ser radical, apontando uma das visões como completamente correto e o outro como totalmente equivocado. É possível ao autor mais maduro elaborar uma tese que contemple ambos os julgamentos, mostrando a existência de situações em que as diferentes opiniões são válidas. Seria possível, por exemplo, diferenciar as pichações sobre placas de sinalização daquelas feitas em prédios abandonados. Seria interessante, também, apontar que os critérios que definem 'arte' não se opõem aos que definem 'vandalismo'. O critério artístico é normalmente baseado em padrões estéticos (bastante instáveis, aliás), enquanto a acusação de vandalismo feita a muitos grafiteiros se deve principalmente ao fato de que os espaços ocupados por suas manifestações não foram originalmente destinados a esse fim. É possível separar, portanto, a discussão sobre a qualidade dos trabalhos do julgamento sobre a preservação do patrimônio urbano (público e privado).

Embora o tema não obrigue a tomada de nenhuma posição específica, fica claro, pela leitura dos artigos e da entrevista, uma negação da visão do senso comum que qualifica os grafiteiros como marginais cuja única intenção é degradar o patrimônio público. Seria muito mais fácil, portanto, utilizar as informações disponíveis nos textos de apoio e defender uma tese que tente mostrar a validade do grafite enquanto manifestação artística e até mesmo política.

Equipe desta resolução

Português

Cícero Gomes Jr.

Vitor Hugo Haidar da Silva

Inglês

Simone Buralli Rezende

Revisão

Fabiano Gonçalves Lopes

Marcelo Duarte Rodrigues Cecchino Zabani

Vagner Figueira de Faria

Digitação, Diagramação e Publicação

Carolina Marcondes Garcia Ferreira